



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Ilegalidade e Estratégia Política: A Trapaça em *Antapodosis* (c.962) de Liudprando  
de Cremona.**

**SANDY FERREIRA GOMES DOS SANTOS**

**Brasília-DF**

**2023**

**Sandy Ferreira Gomes dos Santos**

**Ilegalidade e Estratégia Política: A Trapaça em *Antapodosis* (c.962) de Liudprando de Cremona.**

“Trabalho de Conclusão de Curso”  
apresentado ao Departamento de História  
do Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade de Brasília como requisito  
parcial para a obtenção do grau de  
licenciada em História.

Orientador: Leandro Duarte Rust.

**Brasília-DF**

**2023**

**Ilegalidade e Estratégia Política: A Trapaça em *Antapodosis* (c.962) de Liudprando de Cremona.**

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Leandro Duarte Rust**  
**(Orientador)**

---

**Prof. Dra. Tupá Guerra Guimarães da Silva**  
**(Membro Interno)**

---

**Dra. Clarice Machado Aguiar**  
**(Membro Interno)**

**Brasília - DF**

**19 de dezembro de 2023**

## **Ilegalidade e Estratégia Política: A Trapaça em *Antapodosis* (c.962) de Liudprando de Cremona.**

**Sandy Ferreira Gomes dos Santos**

### **RESUMO**

A crônica medieval *Antapodosis* (c. 962), escrita pelo bispo medieval Liudprando de Cremona, destaca-se como uma obra significativa para a compreensão da política italiana no período pós-queda do Império Carolíngio. Diante do cenário de transformações delineado por essa obra, o presente artigo aspira analisar o que caracteriza a trapaça e de que maneiras ela foi empregada como estratégia política para legitimar ou desqualificar diversos agentes no discurso de Liudprando. A análise será conduzida por meio da investigação do discurso, da identificação de indícios narrativos presentes na construção da crônica, como o uso de termos, como engano, mentira e corrupção, visando compreender de que maneiras esses elementos se entrelaçam e contribuem para a definição do conceito principal aqui explorado: a trapaça.

Palavras-chave: Idade Média; trapaça; corrupção; política; Liudprando de Cremona.

### **ABSTRACT:**

The medieval chronicle *Antapodosis* (c. 962), written by the medieval bishop Liudprand of Cremona, stands out as a significant work for understanding Italian politics in the post-Carolingian Empire period. In the face of the transformative landscape outlined by this work, this article aims to analyze what characterizes trickery and in what ways it was employed as a political strategy to legitimize or discredit various agents in Liudprand's discourse. The analysis will be conducted through discourse analysis, identifying narrative clues present in the construction of the chronicle, such as the use of terms like trickery, lie, and corruption, with the aim of understanding how these elements intertwine and contribute to the definition of the main concept explored here: trickery.

Keywords: Middle Ages; trickery; corruption; politics; Liudprand of Cremona.

## INTRODUÇÃO:

A formulação das páginas seguintes emergiram a partir de uma inquietação. A crônica medieval *Antapodosis*, ou Retaliação em sua tradução, transmite ao leitor, desde suas primeiras páginas, a sensação de que nos mais diversos cenários e com os mais diversos personagens, há mais a ser descoberto do que se imagina inicialmente.

A partir do uso da corrupção, da trapaça e de variadas contravenções, diferentes ações manifestam-se na obra como traços de imoralidade presente na comunicação, permeando as diferentes interações sociais e culturais. É evidente que nem todos os atos imorais poderiam ser caracterizados como corruptos, sendo apenas uma das diversas espécies de imoralidade. Como dito por Jan-Willem van Prooijen, em seu livro *Cheating, Corruption, and Concealment: The Roots of Dishonesty*<sup>1</sup>, a desonestidade é um fenômeno multifacetado que envolve uma combinação de interesses próprios, autojustificação, preconceitos egoístas, preocupações morais e uma variedade de personalidades.

É a partir disso que a diferença entre atos corruptos, geralmente percebidos como mais graves, e atos trapaceiros, passa por uma série de dificuldades de distinção, já que, para ambos os termos, vemos uma ampla variedade de crimes e ilegalidades em diversos contextos. Isso inclui, mas não se limita, a instituições políticas e econômicas.

Assim temos a “Trapaça” em uma zona de incertezas na qual, embora seja considerada algo errado pela sociedade, não costuma atingir o mesmo patamar de preocupação que a corrupção. Ao tratarmos sobre a trapaça durante a Idade Média, é comum nos depararmos com definições que a apresentem como uma violação das regras do jogo ou de outras normas sociais, tendo como objetivo obter uma vantagem injusta.

Da mesma forma, diferentes cronistas poderiam interpretar um mesmo ato essencial de maneiras divergentes, classificando-o ora como uma fraude prejudicial, ora como uma decisão tática acertada, assim, embora reconhecessem a supremacia da verdade, esses escritores também admitiam algumas exceções nas quais o engano deveria ser permitido<sup>2</sup>. Ao sabermos disso, o comportamento enganoso poderia ser vinculado à traição ou à prudência, e a astúcia poderia ser atribuída tanto aqueles vistos como heróis quanto os descritos como vilões. A própria linguagem utilizada ocupa uma

---

<sup>1</sup> van PROOIJEN, WILLEM, Jan Willem and LANGE, Paul. *Cheating, corruption, and concealment: An introduction to dishonesty*. Cambridge University Press, 2016.

<sup>2</sup> RUBIO, D. *The Ethics of Deception: Secrecy, Transparency and Deceit in the Origins of Modern Political Thought*. University of Oxford, 2016, p. 53.

zona cinzenta de significado moral, uma vez que as mesmas expressões são empregadas também para descrever realizações de habilidade, engenharia e retórica<sup>3</sup>.

Ao analisar os julgamentos morais de cronistas medievais em relação a atos enganosos, observa-se que eles parecem se concentrar nos resultados em detrimento dos métodos. Se o engano fosse empregado em prol de uma causa considerada “boa”, os cronistas tendiam a aprová-la. Entretanto, caso o engano estivesse associado a uma causa “má”, como uma rebelião vista como injustificada, os cronistas manifestavam desaprovação<sup>4</sup>.

Assim, a trapaça era tolerada até certo ponto, desde que fosse realizada com habilidade e discrição, ao considerar as consequências resultantes do engano<sup>5</sup>, como também a pessoa que a praticava. Nesse contexto, trapaceiros muitas vezes desfrutavam de uma reputação ambígua, sendo admirados por sua astúcia ou desprezados por sua falta de integridade. Embora as práticas trapaceiras variem em diferentes períodos, espaços geográficos e contextos, elas podem ser encontradas em diversas áreas da vida medieval.

A partir desse pensamento, as variadas situações presentes na crônica aqui analisada parecem retratar grande parte dos personagens como indivíduos em busca de alguma vantagem própria em uma rede de ações corruptas. Contudo, ao longo da trama, aquilo que inicialmente parecia ser uma análise certa revela ter mais a oferecer do que o que a ideia de corrupção pode encobrir.

Diante disso, temos a *Antapodosis* como um material relevante para o entendimento da trapaça na Idade Média. Em uma perspectiva apresentada por Grabowski na obra *The Construction of Ottonian Kingship*<sup>6</sup>, Liudprando pretendia, através da sua escrita, apresentar a casa de Liudolfinga como governantes poderosos, tanto em termos de força militar, como em seu domínio sobre outros reinos.

Dessa maneira, e por meio do uso de referências a textos bíblicos e clássicos, Liudprando tentou transformar Henrique I e Oto I em governantes de características imperiais<sup>7</sup>, enquanto simultaneamente procurava manchar a memória de imperadores

---

<sup>3</sup> TITTERTON, James William. *Trickery and Deception in Medieval Warfare, c. 1000 - c. 1330*. PhD thesis, University of Leeds, 2019, p. 202.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> RUBIO, *op. cit.*, p.53.

<sup>6</sup> GRABOWSKI, A. *The Construction of Ottonian Kingship: Narratives and Myth in Tenth-Century Germany*. Amsterdam University Press, 2018.

<sup>7</sup> GRABOWSKI, *op. cit.*, p.11.

bizantinos, principalmente de Berengário II de Friuli e de Hugo de Arles<sup>8</sup>, os quais destacava na narrativa os atos pouco virtuosos. O que pode evidenciar um caráter estratégico na escrita do cronista.

A partir disso, sugere-se que a *Antapodosis* demanda uma análise mais aprofundada do que aparenta à primeira vista. A crônica utilizada se encontra presente no livro *The Complete Works of Liutprand of Cremona*, no qual a *Antapodosis* foi traduzida para o inglês e publicada pela editora The Catholic University of American Press, na edição de 2007. Escrita originalmente por volta de 958 e 962, a obra teria como objetivo primário compor a história de toda Europa, principalmente os feitos de imperadores e reis, assim, Liudprando deveria conseguir desenvolver sua obra não em boatos, mas como testemunha ocular de tais feitos<sup>9</sup>.

Em vista disso, esse artigo planeja compreender como a trapaça, vista como norteadora dos fatos apresentados na narrativa, se apresenta na trama da *Antapodosis*. Isso através da investigação do discurso realizado, tendo como auxílio a perspectiva de Michel Pêcheux, isso é, a de que o discurso é um instrumento vinculado à uma posição ideológica. Além disso, será realizada uma leitura crítica dos diversos cenários narrados na obra, na busca por identificar como a trapaça é empregada como uma ferramenta política.

O foco será na compreensão das motivações por trás das ações enganosas dos personagens, explorando como a narrativa dessas estratégias contribuem para a construção de diferentes cenários e para a manipulação de percepções. Ao adotar uma abordagem analítica do discurso e uma interpretação crítica dos acontecimentos descritos, este artigo visa proporcionar uma compreensão mais aprofundada da complexidade política envolvida na *Antapodosis* de Liudprando.

#### **POR QUE LIUDPRANDO NARRA A TRAPAÇA?:**

A vida e obra de Liudprando desempenham um papel crucial na compreensão das complexas tramas políticas e sociais da sua época, especialmente no que diz respeito ao conceito de trapaça.

---

<sup>8</sup> BUC, Philippe. *The Dangers of Ritual: Between Early Medieval Texts and Social Scientific Theory*. Princeton: Princeton University Press. 2001, p. 20.

<sup>9</sup> KEMPSHALL, Matthew. *Rhetoric and the Writing of History, 400-1500*. Manchester: Manchester University Press, 2011, p. 183.

A juventude do cronista foi marcada pela orfandade de pai, o que resultou no segundo casamento de sua mãe. Como o pai, o padrasto do cronista também atuou a serviço Hugo de Arles<sup>10</sup>, no círculo de clérigos próximos ao rei e como um dos integrantes do coral, conforme relato do próprio autor. Mais tarde, após a derrota de Hugo, a família de Liudprando garantiu que o futuro bispo fosse removido da corte e apresentado para Berengário II<sup>11</sup>.

Ao lado de Berengário, Liudprando desempenhou o papel de embaixador, mas, conforme relatado na obra, tornou-se evidente a maldade que Berengário propagava pela Itália. Em meio a essa atmosfera e motivado por conflitos não especificados, Liudprando acabou por cair em desgraça aos olhos de Berengário<sup>12</sup>. O possível conflito acarretou exílio do cronista e a chegada dele na corte de Oto I, em 950, local em que foi melhor sucedido, pois, segundo ele próprio, era possível notar grande força política em Oto<sup>13</sup>, e capacidade para se tornar o novo monarca italiano<sup>14</sup>.

Como esperado por Liudprando, Oto ingressa em Pávia como conquistador, sem ter realizado um ataque sequer, enquanto Berengário, que havia se refugiado em Friuli, exerce poder sobre o reino italiano. Com a ascensão de Oto, Liudprando passa a exercer o papel de capelão régio, administrador e diplomata do novo governante. Precisando de novos apoiadores de confiança, Liudprando foi nomeado bispo de Cremona, nomeação essa que não apenas fortaleceu os laços de confiança entre ele e o rei, como também conferiu ao cronista uma posição de destaque na hierarquia eclesiástica e política<sup>15</sup>.

Sobre a escrita da crônica, vemos evidências que apontam para a escolha particular de atingir Berengário. No prólogo presente no início do terceiro livro e, como apresentado por Grabowski e Santos, Liudprando teria se dedicado à escrita após um pedido do embaixador de Abd-Rahmã II, Recemundo<sup>16</sup>, para compor uma obra de

---

<sup>10</sup> GRABOWSKI, *op. cit.*, p.19- 20.

<sup>11</sup> SANTOS, Gabriela da Silva. *Sinais de Marózia: narrativa e relações de poder na obra Antapodosis (c.962), de Liudprando de Cremona*. 2021. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021, p. 7.

<sup>12</sup> HOUGHTON, Robert. *Hugo, Lothar and Berengar: the balance of power in Italy 945–50*. *Journal of Medieval History*. 46, 2019, p. 6.

<sup>13</sup> *Idem*.

<sup>14</sup> SANTOS, *op. cit.*, p.7.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>16</sup> SANTOS, *op. cit.*, p.8. Conhecido na Europa Latina, Recemundo era descrito como sendo chamado de bispo por cortesia, sendo ele um clérigo cristão que serviu os califas de Córdoba.



cunho historiográfico, o que levou a criação da narrativa repleta de escândalos e desavenças a respeito de personagens influentes da política italiana do século X<sup>17</sup>.

Quando questionado por Recemundo sobre o motivo pelo qual a obra recebeu o nome de “Retaliação”, já que o objetivo principal seria narrar a história de homens ilustres, Liudprando explicou que o objetivo era retribuir os crimes cometidos por Berengário e Willa contra sua família, isso explicaria a maneira com que o autor que se refere a ambos durante a obra, em que Berengário é retratado como tirano e Willa como “segunda Jezabel”<sup>18</sup>.

Sobre a *Antapodosis*, Liudprando diz:

O propósito deste trabalho é o seguinte: a saber, retratar, tornar público e reclamar dos feitos deste Berengário, que hoje em dia não tanto governa como tiraniza na Itália, e de sua esposa Willa, que é apropriadamente chamada de uma segunda Jezabel, devido à imensidão de seu despotismo (...). Pois, sem uma boa razão, eles soltaram sobre mim e minha casa, minha linhagem e família, tantos dardos de mentiras (...) que nem a língua é capaz de pronunciá-los, nem a pena de escrevê-los. Portanto, deixe esta página ser *Antapodosis*, isto é, retribuição, quando, em troca de minhas calamidades, eu revelarei para as gerações presentes e futuras seus (...) sacrilégios desavergonhados<sup>19</sup>.

O título, portanto, não apenas denota uma busca por vingança, mas também sinaliza a motivação subjacente que impulsiona a crônica de Liudprando. Nesse contexto, fica evidente a intenção do autor não apenas de manter a reputação de Oto I, como também a de manchar a de Berengário II, tanto naquele contexto como para a posteridade. No caso de Oto, por diversas vezes Liudprando elogiou suas virtudes, exaltou sua bravura e sabedoria nas questões políticas, assim, os elogios não se prenderam apenas nas virtudes de Oto, mas em características que beneficiariam outros, nesse caso, a própria Itália<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> GRABOWSKI, *op. cit.*, p. 26.

<sup>19</sup> SQUATRITI, Paolo. *The Complete Works of Liudprand Of Cremona* (Medieval Texts in Translation). Catholic University of America Press, 2007, p. 110. Tradução própria de “(...) I do not doubt, most holy father, that you wonder quite a bit about the title of this work. Perhaps you say: “Since he demonstrates the deeds of illustrious men, why does he insert the title Retribution?” To which I answer: the purpose of this work is this: namely, to depict, make public, and complain about the deeds of this Berengar who nowadays does not so much rule as tyrannize in Italy, and of his wife Willa, who is appropriately called a second Jezabel on account of the immensity of her despotism (...) For without a good reason they let loose at me and my house, my lineage and family such great missiles of lies (...) neither is the tongue capable of uttering them nor the pen of writing them down. Therefore, let this page be *antapódosis*, that is, retribution, when in return for my calamities I will lay bare for present and future generations their τῆρ ἀσεβεῖαν.”

<sup>20</sup> *Idem*.

Em vista do cenário de mudanças políticas na Itália, Liudprando encontrou-se diante da necessidade de formular uma justificativa para a destituição de Berengário. Uma das formas para realizar tal tarefa era apresentar o governo de Berengário como ilegítimo, essa seria uma das razões para Liudprando retratar Berengário como líder da revolta contra Hugo e como usurpador do trono<sup>21</sup>. Essa abordagem contribuiu para a construção de uma narrativa que questionava a legitimidade do poder exercido por Berengário, ao buscar moldar a percepção do leitor sobre os eventos políticos da época.

Com isso posto, podemos considerar a análise proposta por Michel Pêcheux, na qual o discurso, como observado na *Antapodosis*, emerge como um instrumento intrinsecamente vinculado à ideologia. Sendo a ideologia concebida como um conjunto de valores, crenças e representações compartilhados por uma sociedade ou grupo social, com o propósito de justificar e naturalizar as relações de poder vigentes. Nesse contexto, o discurso é percebido como uma ferramenta utilizada na construção e transmissão de significados, influenciados pelas relações de poder e pelas condições sociais, políticas e históricas.

Essa abordagem proporciona uma visão crítica das dinâmicas discursivas, ao explorar não apenas como elas refletem, mas também como contribuem para moldar e contestar as estruturas de poder presentes na sociedade<sup>22</sup>. Dito isso, muito embora a extinção do governo carolíngio não tenha levado ao colapso da autoridade real, levou ao fim de uma ideologia: o monopólio carolíngio sobre o governo e todas as estruturas sociopolíticas construídas sobre essa premissa<sup>23</sup>.

Ao longo da crônica, observa-se uma estratégia persistente empregada por Liudprando em seu discurso: a de desmerecer a virtude daqueles que ele considerava seus adversários, com foco especial nas princesas italianas. Por meio dessa abordagem, o cronista buscava obscurecer a nobreza do sangue masculino que descendia dessas mulheres<sup>24</sup>. O fato apareceu em maior evidência no caso de Willa, em um dos trechos mais memoráveis da obra.

---

<sup>21</sup> HOUGHTON, *op. cit.*, p. 8

<sup>22</sup> BRASIL, L. L. *Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva*. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Goiânia, v. 15, n. 1, 2014, p. 175.

<sup>23</sup> *Idem*.

<sup>24</sup> BUC, *op. cit.*, p. 2020.

Na parte em questão, Willa escondeu em sua vagina o *cingulum militare*, um cinto que simbolizava honra, cargo e liderança militar. Ao se utilizar disso, a história não só desonrou a mãe do rei, ao insinuar uma desordem sexual e ilegitimidade de seus filhos, mas também sujou as habilidades guerreiras masculinas em um útero feminino<sup>25</sup>. Essa estratégia exemplifica a complexidade do discurso na *Antapodosis*, e revela como o cronista utiliza elementos simbólicos para moldar a percepção do leitor sobre os eventos narrados.

A narrativa de Liudprando proporcionou ao cronista um eixo discursivo fundamental para diferenciar as políticas dos personagens em questão. Ao apresentar Henrique<sup>26</sup> e Oto engajados em batalhas pela cristandade contra os húngaros, enquanto contrastava isso com a ação de Berengário I e Berengário II de pagar esses mesmos pagãos para lutarem contra cristãos. Através dessa estratégia, Liudprando conseguiu descrever os feitos dos inimigos de Oto como se eles não tivessem conexão positiva com o plano de Deus<sup>27</sup>.

Como já dito aqui, grande parte da obra de Liudprando foi dedicada a julgar diferentes indivíduos, como Berengário II, por meio de um panorama histórico construído para esse fim específico. Liudprando visou subjugar os ímpios pelos crimes os quais acreditava terem sido cometidos, assim como retribuir os virtuosos pelas boas ações<sup>28</sup>. Assim, interpreta-se aqui que a *Antapodosis* foi concebida com propósitos políticos, ao configurar-se como uma forma de propaganda política, com o propósito de influenciar a opinião pública alemã e fortalecer o poder do rei Oto I<sup>29</sup>.

Segundo Houghton, a obra também foi escrita para demonstrar as capacidades de Liudprando com a diplomacia, principalmente no último livro. Esse seria um dos motivos pelos quais a história enfatizou a importância de Liudprando na missão em Roma, e o caso em *Relatio* seria uma explicação extensa do motivo de seu fracasso. O sucesso de Liudprando foi demonstrado através de sua nomeação para bispado de Cremona, o que possivelmente contribuiu para o fim abrupto da *Antapodosis*, já que ele

---

<sup>25</sup> *Idem*.

<sup>26</sup> Henrique I, também conhecido como Henrique , o Passarinheiro, foi o fundador da dinastia Ottoniana e governou a Alemanha de 919 a 936.

<sup>27</sup> BUC, *op. cit.*, p. 2020.

<sup>28</sup> KEMPSHALL, *op. cit.*, p. 139.

<sup>29</sup> BUC, *op. cit.*, p. 214

havia alcançado seu objetivo com a escrita e não havia mais a necessidade de se utilizar desse recurso<sup>30</sup>.

### COMO A TRAPAÇA ESBARRA EM OUTRAS DEFINIÇÕES:

Assim, sabendo quem foi Liudprando e suas possíveis intenções com a escrita, decidiu-se aqui percorrer o caminho das evidências na busca por desvendar o que seria então a trapaça presente na narrativa. Porém, recorrer a ideias como mentira, pecado, engano e corrupção para uma definição da trapaça, se mostrou como uma tarefa quase intransponível.

Ao levar isso em consideração, a escolha para a elaboração desta sessão recai sobre a tentativa de desvendar termos que se entrelaçam e integram a composição do imaginário do que chamamos de trapaça. Diante do complexo cenário apresentado na *Antapodosis*, se torna inevitável a utilização desses termos, pois eles desempenham um papel significativo na tessitura das tramas narradas.

Ao ler sobre a *Antapodosis* pela primeira vez, o que se tem é a impressão que se trata de um grande compilado de histórias nas quais todos os agentes buscam ter algum tipo de vantagem em relação aos outros, ao utilizar alguma forma de contravenção para alcançar seus objetivos. Como apresenta John Watts, grandes casos de corrupção surgiram normalmente em períodos de pressão governamental, em que as consequências poderiam se manifestar através da cobrança de impostos para financiamento da guerra; inovação governamental, responsável por empregar novos impostos e tributos; ou desordem governamental, como ameaças externas e internas<sup>31</sup>.

Em um cenário como este, até mesmo o rei poderia se comportar de maneira excessiva, através da defesa árdua de reivindicações, pressionar direitos ou tomar medidas indevidas para a própria proteção ou para manutenção do poder, ao assumir tais atitudes como resposta às demandas políticas<sup>32</sup>. Portanto, como afirmado por Grabowski, a *Antapodosis* é narrada em um cenário em que se fazia necessária a legitimação da mudança de governantes, já que todas as famílias reais do século X e final século IX foram governadas por reis que eram pelo menos parentes, se não

---

<sup>30</sup> HOUGHTON, *op. cit.*, p.8.

<sup>31</sup> WATTS, John. *The problem of the personal. Tackling corruption in later medieval England, 1250-1550*. In: KROEZE, R.; VITÓRIA, A.; GELTNER, G. (Eds). *Anticorruption in History From Antiquity to the Modern Era*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2018. p. 97.

<sup>32</sup> *Idem*.

descendentes, dos carolíngios<sup>33</sup>. Esse ciclo foi quebrado por Henrique, que não era carolíngio nem por parte de pai, nem por parte de mãe<sup>34</sup>.

Soa estranha a necessidade de legitimação da dinastia quase 50 anos depois que Henrique ascendeu ao trono, porém, sabe-se que uma das últimas rebeliões contra Oto ocorreu em 950, ano coberto pela narrativa da *Antapodosis*. Assim, a fonte se estendeu por um momento de maior poder no reinado de Oto, mas também cobre um dos momentos de maior crise,<sup>35</sup> em que havia uma grande necessidade de validação do governo.<sup>36</sup>

Muitos dos autores da época passaram a representar a região, após a queda do governo carolíngio, em uma perspectiva de “idade de ouro e de trevas”. Por isso não é incomum encontrar textos da época que buscavam apresentar o período de maneira caótica, em que se buscava um salvador real que pudesse emergir como detentor da ordem. Como já dito, as obras não possuíam a intenção apenas de apresentar ou registrar os acontecimentos, mas também de os moldar<sup>37</sup>.

Porém, desde o início dessa pesquisa, o que deveria ser algo relativamente simples, mostrou-se uma tarefa bastante complexa, já que os próprios cronistas medievais empregaram uma série de palavras relacionadas ao engano: *calido, ingenium, ars, uafer, dolus, fraus*<sup>38</sup>.

Para iniciarmos a análise dos casos, temos a corrupção, que podemos dizer ser um dos primeiros termos que vêm à mente ao pensarmos no cenário italiano coberto pela obra. Diferente do imaginário dominante, a corrupção não é um termo imutável que se perpetua estaticamente ao longo da história, mas sim que carrega um universo cultural extremamente distinto<sup>39</sup>. Semelhantemente ao já dito sobre a trapaça, a corrupção carrega consigo diferentes temas, abrangendo uma variedade de traições e enganos, os quais poucos convergem para seu significado central e raramente a apresentam de maneira específica<sup>40</sup>.

---

<sup>33</sup> GRABOWSKI, *op. cit.*, p. 55

<sup>34</sup> *Ibidem.* p. 66.

<sup>35</sup> *Ibidem.* p. 74.

<sup>36</sup> *Idem.*

<sup>37</sup> HOUGHTON, *op. cit.*, p. 6

<sup>38</sup> *Idem.*

<sup>39</sup> ROMEIRO, Adriana. *Corrupção e poder no Brasil: uma história, séculos XVI a XVIII*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 10-11.

<sup>40</sup> RUST, Leandro Duarte. *A “corrupção” na escrita da História Medieval: os desafios de um efeito de sustentação discursiva*. História da Historiografia, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p.201-230, jan-abr. 2022, p. 203.

Autores como Ronald Kroeze, André Vitória e G. Geltner focaram no estudo do conceito de corrupção, porém focando em países como Alemanha, França, Inglaterra e Holanda<sup>41</sup>. Dessa maneira, ao basear-se em uma compreensão contextual e construtivista, temos na obra deles a corrupção como o abuso de bens públicos para benefícios privados, em ações as quais não devem ser analisados de fora da história, mas com a ajuda de uma definição êmica, que auxilie a ajustar seus significados.

Autores como os descritos acima, abordam o conceito de corrupção, tanto na Idade Média como hoje, ligado à ideia de promoção dos próprios interesses em prol do bem comum, violação de regras ou poderes oficiais, isso sob a influência de fatores recorrentes, como o suborno<sup>42</sup>.

O século XIX foi visto como um momento de mudança no que diz respeito às velhas práticas, no qual muitas delas passaram a ser vistas como corruptas, ocorreu assim uma mudança na visão sobre corrupção pré-moderna. Seria a partir desse momento que a ideia de corrupção se limitou, ao se concentrar no mau uso do poder público e ganhos privados, conforme as regras jurídicas, assim, ocorreu uma distinção mais nítida do que seria público e privado<sup>43</sup>. Watts argumenta que a corrupção seria extensão do comportamento político, em que essas ações eram condenadas somente quando surgiam escândalos que ultrapassam aquilo que o sistema conseguia administrar. Existe uma ambiguidade nessa análise, levando a reflexão se o agente corrupto realmente agiu mais egoisticamente que outra pessoa ou seria ele uma vítima de uma tentativa de ilegitimidade<sup>44</sup>.

No artigo da Professora Dr.<sup>a</sup> Filomena Coelho, vemos que a corrupção é considerada desvio de conduta diante das riquezas e do poder, em que o indivíduo utilizava-se do bem comum de maneira egoísta, para proveito próprio<sup>45</sup>, assim, essa definição aborda principalmente no aspecto do gerenciamento da coisa pública<sup>46</sup>.

Levando isso em consideração, a corrupção na Idade Média refere-se a atos ilegais ou imorais cometidos por pessoas em posições de poder ou autoridade, que usam

---

<sup>41</sup> Sendo as análises focadas principalmente nesses, podemos compreender o ponto de vista dos autores ao tratarem de outros, tidos como corruptos. Vemos assim que outros países são tratados de forma reducionista, dividindo a análise em dois blocos: corruptos e não corruptos, o que traz uma ideia de escala de evolução entre eles.

<sup>42</sup> TITTERTON, *op. cit.*, p. 167.

<sup>43</sup> KROEZE, R.; VITÓRIA, A.; GELTNER, G, *op. cit.*, p. 2.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 93.

<sup>45</sup> COELHO, M. F. C. *Corrupção como Problema de Pesquisa*, 2023. No prelo, p. 2.

<sup>46</sup> *Ibidem*. p. 8.

sua posição para obter benefícios pessoais ou para favorecer amigos e aliados. Em termos de escala, a corrupção pode ter consequências amplas e duradouras, ao ser passível de prejudicar a eficácia das instituições públicas, a confiança nas autoridades e o bem-estar da sociedade como um todo.

Com isto posto, determinou-se que, para a elaboração deste trabalho, a corrupção seria abordada a partir de sua definição conceitual, associando-a ao seu sentido quase biológico de putrefação, adulteração e decomposição. Como na tradição clássica, a corrupção aqui figura como um fenômeno que não apenas compromete as estruturas políticas sobre o período tratado, mas também se estendia a valores morais e éticos fundamentais. Sendo concebida como uma força degradante que agia na perversão dos princípios que sustentavam um regime político, contribuindo assim para o desvio de um modelo ideal de governo<sup>47</sup>.

Nessa perspectiva, a corrupção não era apenas uma questão de transgressão de normas legais, mas uma ameaça mais profunda que minava a integridade moral da sociedade. Ao corroer os alicerces éticos, ela comprometia a coesão social e a confiança nas instituições, assim, a ideia de putrefação aqui levantada, se associada à corrupção, reflete a compreensão não apenas do conceito como um desvio legal, mas uma degeneração moral que poderia comprometer o tecido social ao longo do tempo.

Além da corrupção, temos também na crônica, ações que em muito podem ser confundidas com a ideia de mentira, a qual se caracteriza como uma ação ilegal, que ia além da simples distorção dos fatos, mas tratava-se de uma declaração proferida por alguém que, conscientemente, não acredita na veracidade do que era dito, mas buscava persuadir outra pessoa a aceitá-la como verdadeira.

Dessa forma, trataremos a mentira como uma afirmação deliberadamente falsa, uma artimanha na qual a consciência da falsidade coexiste com a intenção de convencer o receptor da veracidade da declaração. Essas nuances ampliam a compreensão da mentira para além da superfície, ao revelá-la como um fenômeno de comunicação profundamente entrelaçado com mecanismos persuasivos. Em situações em que o conhecimento não é comumente compartilhado entre o remetente e o receptor, devemos

---

<sup>47</sup> ROMEIRO, Adriana. Corrupção e poder no Brasil: uma história, séculos XVI a XVIII. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Durante a obra, principalmente em sua introdução, a autora foca em destrinchar o significado da palavra em diferentes línguas.

considerar que a verdade não decorre apenas da informação, mas também da intenção da intencionalidade de seu emissor <sup>48</sup>.

Na Idade Média, Agostinho elaborou uma definição de mentira centrada em seu aspecto moral. A falsidade não é determinada pela autenticidade da declaração, mas sim pelo impulso ético do orador. A mentira, segundo Agostinho, reside na relação entre o que se pensa e diz, na conexão entre a mente e a palavra. Torna-se um problema moral porque se concentra exclusivamente no acordo entre a linguagem do falante e seus pensamentos, e exclui completamente o ouvinte dessa equação<sup>49</sup>.

Nessa perspectiva, Santo Agostinho apresentou outra forma de conceber a mentira, como um ato determinado pela intenção com a qual o indivíduo o realiza, e não pelas suas consequências. Essa abordagem destaca a importância da intenção por trás da ação, colocando o foco na ética e nos propósitos do agente, em detrimento das meras ramificações práticas do ato <sup>50</sup>.

Podemos definir mentiras como o ato de emitir uma declaração falsa com a intenção de fazer com que outra pessoa acredite que essa afirmação é verdadeira. Essa definição, formulada por Santo Agostinho no século IV, destaca-se como útil para historiadores, ao auxiliar na prevenção de anacronismos ao analisar eventos do passado<sup>51</sup>.

Nos intrincados tecidos sociais da Idade Média, homens e mulheres buscavam significado no universo religioso, no qual diferentes tipos de atos pecaminosos, como a mentira já citada, ocupavam uma posição central nas preocupações doutrinárias da época<sup>52</sup>. Na obra de Liudprando, observamos em diferentes partes o uso de trechos bíblicos como fundamentação para classificar uma pessoa. Além disso, o vocabulário utilizado na descrição de determinados agentes coincidentemente alinha-se com a linguagem associada à classificação dos pecados capitais, como a soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira e preguiça. Esses pecados, considerados os mais graves, eram percebidos como a fonte primordial de todos as outras transgressões morais<sup>53</sup>.

---

<sup>48</sup> ROMEIRO, *op. cit.*, p.42.

<sup>49</sup> *Idem.*

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>51</sup> RUBIO, *op. cit.*, p. 42.

<sup>52</sup> LOPES, Bárbara Macagnan. Os pecados em manuais de confissão da Península Ibérica entre o fim do século XIV e início do XVI. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009. p. 17.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 18.



Podemos ver a exemplificação disso no seguinte trecho:

Na verdade, os burgúndios são chamados assim porque os romanos, após conquistarem o mundo e terem levado muitos cativos dessa nação, ordenaram que construíssem casas para si fora da cidade, das quais foram expulsos um pouco depois pelos romanos devido a sua arrogância; e, como chamam um grupo de casas que não é cercado por uma parede de 'burg', foram chamados de Burgúndios pelos romanos, significando 'aqueles expulsos do burg.' (...). Mas eu, de acordo com meu próprio entendimento, os chamo de Burgúndios como se fossem Gurglianos, seja porque falam completamente de maneira gutural devido à sua arrogância ou - e isso é provável - devido a sua gula, exercida através de suas gargantas gananciosas, que eles indulgentemente satisfazem.<sup>54</sup>

Durante a leitura da crônica, vemos que os burgúndios eram liderados pelo rei Simeão, descrito por Liudprando como alguém enganado pela luxúria do poder, que passou da quietude do mosteiro para a tempestade deste mundo, como também escolheu por seguir Julião, o Apóstata, em vez do abençoado Pedro, descrito como o porteiro do reino celestial<sup>55</sup>. Os burgúndios, por sua vez, foram caracterizados como rebeldes contra o imperador Romanos, causadores de danos à terra bizantina, e perpetradores de uma significativa matança do povo aqueu<sup>56</sup>.

Essa convergência entre o discurso presente na narrativa de Liudprando e descrições bíblicas destaca a profunda interconexão entre a visão moral da época e a representação dos agentes na obra.

Com isso, para a análise da crônica devemos ter em mente que Liudprando apresentou uma série de diferentes cenários e agentes, permeados por complexas teias de comunicação, nas quais a trapaça surgiu como uma força complexa, tecida por fios de mentira, conspiração e diferentes tipos de maquinações. Explorar os meandros desses conceitos não apenas revela a complexidade da natureza humana, mas também destaca a sofisticação envolvida na manipulação da verdade. Para trazer essa ideia para algo que faça mais sentido com o trabalho aqui proposto, vale analisar a proposta dentro do

---

<sup>54</sup> SQUATRITI, *op. cit.*, p. 135. Tradução própria de "(...) Indeed the Burgundians are called that since the Romans, after having conquered the world and having led off many captives from that nation, ordered them to erect houses for themselves outside the city, from which they were expelled a little later by the Romans because of their haughtiness; and, as they call a group of houses which is not enclosed by a wall 'a burg,' they were called Burgundians by the Romans, meaning 'those expelled from the burg.' (...). But I, according to my own lights, call them Burgundians as if they were Gurglians either because they speak entirely gutturally because of their haughtiness or—and this is more likely—because of their gluttony, exercised through their greedy gullets, which they strenuously indulge."

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 110-129.

cenário político da *Antapodosis*. Dessa maneira, os relatos seguintes foram escolhidos na busca por demonstrar desdobramentos, agentes e cenários variados:

### **1 - Imperador Leão:**

Este relato, apresentado por Liudprando, se passa na cidade de Constantinopla, a qual era guardada por postos avançados com muitos soldados. Assim, o imperador Leão<sup>57</sup>, com o desejo de testar a confiabilidade dos guardas, saiu sozinho do palácio após o pôr do sol e chegou ao primeiro posto de guarda. Os guardas o detiveram ao vê-lo recuar, perguntaram quem era e para onde ia. Leão inventou uma história sobre procurar um bordel, e os guardas, após receberem suborno, o liberaram. Ele repetiu esse teste em outro posto de guarda, no qual avaliou a reação e lealdade dos soldados.

Quando chegou ao terceiro posto, o imperador Leão foi detido e não foi liberado, mesmo após oferecer ouro como nos anteriores. Em vez disso, teve todos os seus pertences confiscados, foi amarrado e espancado por um longo tempo, ficando sob custódia para enfrentar julgamento no dia seguinte. Após a partida dos soldados, o imperador chamou o guarda da prisão e revelou sua verdadeira identidade. O guarda, inicialmente cético, foi convencido e acompanhou Leão de volta ao palácio.

Após ter sido recebido de volta ao palácio com grande comemoração e provado sua verdadeira identidade, o imperador convocou os guardas que o liberaram após sua prisão e os abordou com as seguintes palavras: “Vocês pegaram algum ladrão e adúltero enquanto estavam de serviço e supervisionando a segurança da cidade?”<sup>58</sup>

Um dos pontos que chama a atenção na fala do imperador é o fato dele enfatizar características que essa pessoa teria, sendo ela claramente descrita com traços imorais. Dessa forma, os guardas que o liberaram após suborno afirmaram não terem visto nada, enquanto aqueles que o prenderam e o entregaram sob custódia após espancá-lo responderam assim:

*Δεσποτιά σου η αγια* ordenou que se os guardas prendessem alguém que andasse depois do pôr do sol, após agarrá-lo e espancá-lo com varas, eles deveriam entregá-lo sob custódia. Como seguimos suas ordens, santíssimo mestre, ontem à noite prendemos um sujeito que se dirigia

---

<sup>57</sup> Evidências apontam se tratar de Leão VI, conhecido como "O Sábio", o qual foi imperador bizantino de 886 a 912. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Leo-VI-Byzantine-emperor>>. Acesso em 4 de dez. de 2023.

<sup>58</sup> SQUATRITI, *op. cit.*, p. 52. Tradução própria de “(...) Did you catch any thieves and adulterers while you were on duty and overseeing the safety of the city?”

aos bordéis, o espancamos e, após colocá-lo na prisão, detivemo-lo para ser entregue ao seu santo governo<sup>59</sup>.

O imperador ordenou que o homem fosse imediatamente levado até ele, então os guardas correram para trazer o homem acorrentado. Ao descobrirem que ele havia escapado, retornaram ao palácio visivelmente assustados. Quando informaram ao imperador sobre a fuga, ele se despiu e mostrou seu corpo severamente espancado pelos próprios guardas, em seguida disse a eles as seguintes palavras:

Eu mesmo sou a pessoa que vocês espancaram e agora acreditam ter escapado da prisão. Eu sei e sinceramente acredito que vocês pensaram estar enfrentando não o imperador, mas um inimigo do imperador. Minha ordem não apenas deseja, mas também exige que aqueles que me soltaram, não como imperador, mas como um ladrão comum e uma ameaça à minha vida, sejam despojados de todos os seus bens, espancados e expulsos da cidade. Quanto a vocês, concedo não apenas as minhas riquezas, mas também as daquela equipe perversa<sup>60</sup>.

Na narrativa de Liudprando, é evidente que a partir desse momento as atitudes tomadas não apenas evitaram um desfecho negativo, mas resultaram em vantagens significativas. Os outros guardas, agora mais vigilantes, passaram a zelar pela cidade com uma diligência redobrada, como se o imperador estivesse presente, mesmo quando ausente. Este desdobramento não apenas salvaguardou a cidade, mas também contribuiu para a elevação da reputação do imperador ao longo do tempo. Esses pontos apresentados, como a escolha das palavras do imperador, se mostram como as primeiras evidências do que seria a trapaça.

No desdobramento da narrativa sobre o Leão, Liudprando apresenta um relato subsequente que envolve os 12 guardas, os quais, durante a narrativa, escolheram se retirar para dormir juntos em uma casa. Neste dia, o imperador se dirigiu à casa onde os guardas dormiam e abriu a porta com um pedaço de lenha.

---

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 53. Tradução própria de “(...) Δεσποτία σοῦ ἡ ἀγία<sup>36</sup> ordered that if guards were to seize anyone walking about after sunset, having seized him and beaten him with rods, they should hand him over into custody. As we followed your orders, most holy master, last night we seized some fellow heading for the brothels, beat him, and, having put him in prison, we detained him to be turned over to your holy rule.”

<sup>60</sup> *Idem*. Tradução própria de “(...) I myself am the one whom you whipped and whom you now believe to have escaped from prison. For I know and truly believe that you thought you were beating not the emperor, but the emperor’s enemy. My authority not only desires but even orders that those who let me off not as an emperor, but as a common thief and a threat to my life, be deprived of all their property and, beaten and half-dead, be expelled from the city. To you on the other hand I grant not just my riches, but also all those of that perverse crew.”

Enquanto 11 guardas dormiam, um deles permaneceu acordado, mas decidiu simular o sono quando percebeu as ações do imperador. Ao acreditar que todos estavam genuinamente em repouso, Leão colocou uma moeda de ouro sobre o peito de cada um e retirou-se. Como dito por Liudprando, Leão esperava que os guardas ficassem perplexos com a sorte inesperada e se questionassem como tal feito teria ocorrido, porém, o guarda que fingia, se levantou após a saída do imperador e pegou as moedas dos demais, indo dormir após o feito.

Nessa parte inicial, vemos que as intenções do imperador Leão eram bastante simples: enganar os guardas. Podemos observar que o engano aqui não tem um caráter negativo, ou seja, ele não é realizado para que alguém seja prejudicado, mas meramente para a diversão do imperador.

No dia seguinte, curioso com o resultado de suas ações, o imperador chamou todos os guardas, e disse a eles com as seguintes palavras:

Se por acaso alguma visão assustou ou trouxe deleite ao sono de qualquer um de vocês, minha autoridade ordena que o declare aqui; e minha autoridade ordena que quem, ao acordar, viu algo novo, me informe disso<sup>61</sup>.

A frustração do imperador foi evidente quando os guardas responderam que não viram nada, uma resposta que ele interpretou não como verdadeira, mas como uma astuta estratégia por parte dos guardas. Essa percepção fez com que os guardas se sentissem ameaçados, e temessem as possíveis reações do imperador. Ao ver a situação, o guarda que pegou as moedas dos demais se dirigiu ao imperador para revelar o que havia a partir das seguintes palavras:

Não sei o que esses homens viram, mas tive um sonho encantador. Enquanto onze dos meus companheiros estavam realmente dormindo, eu, infelizmente para eles, estava acordado. No sonho, Vossa Majestade Imperial entrou secretamente, colocou uma libra de ouro no peito de cada um e saiu. Ao perceber meus companheiros dormindo na visão, levantei-me alegremente, peguei as libras de ouro dos onze e coloquei na minha bolsa, que já tinha uma libra. Esta visão não me aterrorizou, mas me deixou feliz. Que nenhuma outra interpretação de sonhos desagrade a Vossa Majestade!<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 54. Tradução própria de “(...) If by chance any vision frightened or brought delight to the sleep of any of you, my authority orders that he state it here; and no less my authority orders that anyone who, upon awakening, saw something novel, must inform me of it.”

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 54. Tradução própria de “(...) I do not know what these men saw; I saw a delightful dream, and would that it return to me often. While eleven of my companions present here were really, but unluckily for them, sleeping today, I saw that I was awake, not asleep. Suddenly there appeared your imperial majesty, shutting the door almost stealthily, having entered secretly, and it placed a pound of

Ao ouvir essas palavras, o imperador riu alto e ficou verdadeiramente admirado com a sagacidade e inteligência desse homem. Se fossemos analisar de maneira crua as ações do imperador, poderíamos dizer que ele em ambos os cenários, e depois juntamente com o guarda em destaque, agiu com dissimulação.

No entanto, a complexidade da situação impede uma interpretação simplista, pois a mentira, mesmo ao se mostrar como uma conclusão, está intrinsecamente ligada ao planejamento e à maquinação, dessa maneira, e repetindo um padrão visto na história do imperador Leão, a utilização de um único termo para descrever todo o cenário parece uma escolha por reduzi-lo.

## **2 - Hatto engana Adalberto:**

Para darmos seguimento a análise, nesse caso temos como um dos agentes principais Adalberto<sup>63</sup>, descrito por Liudprando como um grande herói, alguém que nutria ódio pelo Estado, ódio esse que o levou a uma rebelião durante 7 anos contra o rei Luís<sup>64</sup>.

Diante das ações de Adalberto, Hatto<sup>65</sup> se dirigiu ao rei e disse que o livraria das preocupações. Hatto I foi arcebispo de Mainz e conselheiro do rei alemão Arnulfo da Baviera, o último imperador carolíngio franco oriental. Durante sua incumbência como regente do filho de Arnulfo, Luís, o Menino, Hatto governou o reino alemão para o último membro da dinastia carolíngia franca oriental<sup>66</sup>. Essa posição pode evidenciar a influência significativa que Hatto detinha na corte real e sua responsabilidade na orientação política do jovem monarca Luís.

---

gold on each of our breasts. And when your emperorship seemed to walk away again and in my vision I saw my companions sleeping, I, rising swift and gleeful, took the pounds of gold coins of the eleven sleepers and put them in my pouch, where there already was one pound, for, in order not to exceed the Ten Commandments, they should not be, and indeed on account of the memory of the apostles, they were added to mine and became. This vision, O august emperor—and may good things befall you—did not at all terrify me but made me happy. O let no other dream-interpretation please your emperorship.”

<sup>63</sup>Não foi possível achar muitas informações, mas evidências apontam se tratar de Adalberto de Babenberg, um membro proeminente da Casa de Babenberg, filho do Margrave Henrique I.

<sup>64</sup>Evidências apontam que o Luís descrito se tratava de Luís, “O Menino”, às vezes chamado de Luís III ou Luís IV, foi o rei da França Oriental de 899 até sua morte. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Hatto-I>>. Acesso em 4 de dez. de 2023.

<sup>65</sup> *Idem.*

<sup>66</sup> *Idem.*

Dessa forma, o arcebispo se propôs a providenciar que Adalberto fosse capturado e levado até Luís. Desse modo, e após planejar suas ações e extasiado pela confiança posta sobre ele, Hatto se dirige a Adalberto da seguinte forma:

Mesmo que você pense que não há outra vida além da atual, você ainda estaria agindo imprudentemente desde que se levantou, um rebelde contra o seu senhor, especialmente porque você faz o que faz por nada; e porque você sucumbe à ferocidade de seu espírito, você não entende o quanto você é amado por todos, e particularmente pelo rei. Portanto, siga meu conselho e confie em mim; aceite um juramento pelo qual você pode, sem qualquer hesitação, deixar o castelo e retornar. Se você não acredita nas promessas do meu sacerdócio, pelo menos não desconfie do meu juramento, já que vou providenciar para que eu o traga de volta aqui, assim como vou levá-lo são e salvo deste castelo<sup>67</sup>.

Enganado pelas palavras de Hatto, Adalberto aceitou o juramento e o convidou para jantar imediatamente. Porém, conforme o plano que havia arquitetado, Hatto não comeu nada durante todo o jantar e, sem muitos detalhes na narrativa, vemos que o arcebispo saiu do castelo, seguido de perto por Adalberto, que segurava sua mão direita. No meio do caminho, Hatto proferiu as seguintes palavras:

“Dói-me”, disse ele, “Ó herói notável, que não refresquei meu corpo com um pouco de comida de acordo com seu conselho, especialmente porque há uma longa jornada à frente<sup>68</sup>.”

Inocentemente, Adalberto responde que:

Meu senhor, voltemos e, para que o corpo não se dissolva pela mortificação do jejum, se refresque com um pouco de comida<sup>69</sup>.

Ao aceitar o convite, Hatto se dirigiu à mesma entrada na qual havia conduzido Adalberto, ainda de mãos-dadas e, dessa vez, Hatto se permitiu jantar. No mesmo dia, ambos retornaram à presença do rei.

---

<sup>67</sup> SQUATRITI, *op. cit.*, p. 78. Tradução própria de “(...) Even if you think there is no other life than the present one, you would still be acting unwisely since you rise up, a rebel against your lord, especially since you do what you do for nothing; and because you succumb to the ferocity of your spirit, you do not understand how much you are loved by everyone, and particularly by the king. Therefore, take my advice and accord me your trust; accept an oath by which you may without any hesitation leave the castle and return. If you do not believe the promises of my priesthood, at least do not distrust my oath, since I will arrange it so I will lead you back here just as I will lead you safe and sound from this castle”

<sup>68</sup> *Idem*. Tradução própria de “(...) It pains me,” he said, “O outstanding hero, that I did not refresh my body with some food according to your advice, especially as a long journey lies ahead.”

<sup>69</sup> *Idem*. Tradução própria de “(...) My lord, let us turn back and, lest the body dissolve itself by the mortification of fasting, let it be refreshed by a little food.”

A chegada deles foi descrita como feita em grande alvoroço e tumulto, quando a população soube que, o mesmo Adalberto responsável por sete anos de rebelião, agora se deslocava em direção ao seu senhor. Ao saber da chegada de Adalberto, o rei reuniu os magnatas com a seguinte mensagem:

Aprendemos dos factos, e não de meros rumores, que grandes massacres Adalberto causou ao longo de quase sete anos, quantas de nossas campanhas ele destruiu, quantas catástrofes de pilhagem e incêndios ele nos trouxe. Por esta razão, aguardamos sua sentença quanto à retaliação que ele pode receber agora por este mal tão flagrante<sup>70</sup>.

Assim, pelo decreto de todos, conforme os estatutos dos primeiros reis, Adalberto, considerado culpado de traição, foi condenado à decapitação. No momento da execução de sua sentença e, como descrito por Liudprando, enquanto era arrastado acorrentado para a morte, Adalberto notou Hatto, se dirigindo a ele com acusações de perjúrio, com raiva por fazer com que ele fosse condenado à morte. O que foi respondido com:

Prometi que você seria conduzido para fora de seu castelo tão vigoroso e da mesma forma seria conduzido de volta; e percebi que tinha feito isso quando te levei de volta ao castelo são e salvo, logo após te levar para fora<sup>71</sup>.

Por fim, Adalberto lamentou que tivesse caído nesse truque e, como dito na fonte, "suspirando por entender o truque de Hatto tarde demais, seguiu seu carrasco tão relutantemente quanto ele teria vivido de bom grado, se fosse permitido<sup>72</sup>".

Neste caso em questão, podemos ver sinais do que seria a trapaça posta em ação. Em primeiro lugar, vemos que Hatto e Luís arquitetarem uma forma em que fosse possível tirar Adalberto do castelo, sendo o ato enganoso premeditadamente planejado em busca de um objetivo claro, nos quais a mentira e a manipulação foram usadas.

As ações de Hatto, cercadas por mentiras e maquinações, poderiam ser vistas como desonrosas em outras circunstâncias, pois se sabe da existência de meios

---

<sup>70</sup> *Ibidem*. p. 79. Tradução própria de "(...) We have learned from the facts rather than from mere rumor what great massacres Adalbert caused over almost seven years, how many of our companies he destroyed, how many catastrophes of pillage and arson he brought us. For this reason we await your sentence as to what retribution he may now receive for this so egregious evil."

<sup>71</sup> *Idem*. Tradução própria de "(...) I promised you would be led out from your castle just as hale and hearty as you would be led back; and I perceived I had done that when I led you back into the castle safe and sound right after having led you out."

<sup>72</sup> *Idem*. Tradução própria de "(...) "Sighing over having understood Hatto's trick too late, followed his executioner as unwillingly as he would willingly have lived, if allowed to."

traíçoeiros e desonrosos, semelhantes ao apresentado e vistos na própria crônica, narrados como imorais. Algo semelhante é visto quando se utilizavam os direitos da guerra para enganar o adversário, o que também incluiria a simulação de uma intenção de negociar.<sup>73</sup>

Essa abordagem lança luz sobre as ações trapaceiras de Hatto, as quais, mesmo sendo consideradas desonrosas em outras circunstâncias, adquirem uma conotação diferente quando empregadas contra alguém que havia perpetrado atos ainda mais condenáveis. Assim, percebemos que a noção de trapaça pode estar intrinsecamente ligada a uma ação vista como justa, na qual o emprego de meios não convencionais é justificável em resposta a transgressões mais severas. Essa perspectiva ressalta a complexidade ética subjacente às ações consideradas trapaceiras, que podem ser moldadas e justificadas pelo contexto em que são aplicadas.

### **3 - Berengário arranca os olhos de Luís:**

Nesse relato apresentado por Liudprando, vemos que os italianos convidaram Luís<sup>74</sup> para assumir o reino de Berengário<sup>75</sup>. Luís aceitou o convite e, com o apoio de outros, chegou à Itália. Ao descobrir que estava sob ameaças de Berengário, Luís, ao temer por sua vida, fez uma promessa a ele, na qual jurou não retornar à Itália, mesmo que convocado por outras promessas, isso se a ele fosse permitido escapar naquele momento<sup>76</sup>.

Berengário, com o apoio do poderoso marquês toscano Adalberto, facilmente expulsou Luís. Após um curto intervalo de tempo, o Rei Berengário tornou-se cansativo para o marquês toscano Adalberto. Bertha, esposa de Berengário e mãe do futuro rei Hugo, agravou a situação. Por sugestão de Adalberto, outros príncipes italianos enviaram uma mensagem a Luís em que pediam que ele fosse à Itália. Movido por sua ambição, Luís rapidamente voltou em seu juramento e foi para a Itália. Ao notar que

---

<sup>73</sup> O autor Whetham argumenta que uma das razões por trás dessa proibição é que a deslealdade diminui a confiança nas leis reais da guerra destinadas a moderar os excessos do conflito. Além disso, torna o retorno à paz um objetivo difícil de ser alcançado, prejudicando a criação de qualquer acordo que possa ser negociado no futuro. Sobre isso, ver WHETHAM, 2009.

<sup>74</sup> Evidências apontam que esse trecho descreve Luís, “O Cego”, que foi o rei da Provença em 887, Rei da Itália em 900, e brevemente Sacro Imperador Romano, como Luís III, entre 901 e 905. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Louis-III-Holy-Roman-emperor>>. Acesso em 4 de dez. de 2023.

<sup>75</sup> Berengário foi rei da Itália a partir de 888, com o título de Berengário I, e posteriormente tornou-se Sacro Imperador Romano a partir de 915. Disponível em:

<<https://www.britannica.com/biography/Berengar>>. Acesso em 4 de dez. de 2023.

<sup>76</sup> SQUATRITI, *op. cit.*, p. 90-91.



Luís estava sendo bem recebido pelos príncipes italianos e toscanos, Berengário partiu para Verona. Luís, junto dos italianos, perseguiu Berengário, no que findou em sua expulsão e todo o reino posto sob seu jugo<sup>77</sup>.

Após esses eventos, Luís decidiu visitar a Toscana, onde foi recebido com honras por Adalberto em Lucca. Ao notar a grandeza e a pompa em Adalberto, Luís, movido pela inveja, expressou secretamente que Adalberto poderia ser chamado de rei em vez de marquês. Adalberto soube disso, e Bertha, descrita como astuta, não apenas rompeu a fidelidade de Adalberto a Luís, mas também instigou outros príncipes italianos contra ele<sup>78</sup>.

Quando Luís retornou de volta a Verona após sua visita à Toscana e ficou lá sem suspeitar de nada, Berengário corrompeu a guarda da cidade, através do pagamento de determinada quantia e reuniu homens valentes, logo em seguida entrou na cidade sob o manto da noite. Diante disso, Luís se escondeu em uma igreja, até que um dos guardas de Berengário o descobriu<sup>79</sup>.

Comovido, o soldado não queria entregá-lo, mas escondê-lo, porém, ao temer que outros o encontrassem e o matassem, o soldado se dirigiu a Berengário da seguinte forma:

Visto que Deus te mantém tão alto que colocou seu inimigo em suas mãos, você deve guardar suas advertências, na verdade seus preceitos. Pois ele diz: “Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, e você não será julgado. Não condene, e você não será condenado<sup>80</sup>.”

Com essa ação, o soldado esperava poupar Luís da morte, porém logo Berengário entendeu do que se tratava e o enganou com a seguinte resposta:

“Você pensa, seu idiota, que quero matar o homem, na verdade o rei, que Deus colocou nas minhas mãos? Até mesmo o santo Davi teve a chance de matar o rei Saul, entregue em suas mãos por Deus, e ainda assim desistiu<sup>81</sup>.”

---

<sup>77</sup> *Ibidem*, p.93.

<sup>78</sup> *Idem*.

<sup>79</sup> *Idem*.

<sup>80</sup> *Idem*. Tradução própria de “(...) “Since God holds you so high that he has placed your enemy in your hands, you should uphold his warnings, indeed his precepts. For he says: ‘Be therefore merciful, as your Father is merciful. Judge not, and you shall not be judged. Condemn not, and you shall not be condemned.’”

<sup>81</sup> *Idem*. Tradução própria de “(...) Do you think, you idiot, that I want to kill the man, indeed the king, whom God placed in my hands? Did not even holy David have the chance to kill King Saul, given into his hands by God, and yet desisted”

Conquistado por essas palavras, o soldado revelou o local onde Luís estava escondido, o que fez com que ele fosse capturado e conduzido a presença de Berengário que, em sua ira, proferiu a seguinte sentença:

Até que ponto pretende abusar da nossa paciência, ó Luís? Você pode negar aquela ocasião no passado quando, cercado por meus guardas e minha diligência, você não podia nem mesmo se mover contra mim? E quando eu, inclinado a ter piedade, algo que não era devido a você, deixei você ir? Você não sente, eu digo, que você está acorrentado por seu próprio perjúrio? Você claramente me confirmou que nunca voltaria a entrar na Itália. Eu te concedo a tua vida, como prometi aquele soldado que te revelou a mim; no entanto, eu não apenas ordeno, mas exijo que seus olhos sejam arrancados.” Uma vez que essas coisas foram ditas, Luís foi privado de vista e Berengário assumiu a realeza.<sup>82</sup>

Como dito, o que temos aqui é um caso bastante semelhante ao caso anterior, no qual, através da mentira, um agente engana alguém para alcançar um objetivo. Nesse caso, Luís não foi morto, mas o cegaram, uma ação que levava a vítima a perder suas proezas físicas em um cenário no qual essas características eram muito importantes. Podendo assim levar a redução de sua esfera de poder e influência sem que fosse removida sua legitimidade<sup>83</sup>.

Primeiro, Luís havia prometido não mais retornar à Itália, promessa quebrada pela ganância diante da promessa de poder. No que diz respeito a Berengário, vemos que ele mentiu para o soldado, ou melhor, disse uma meia-verdade para que fosse lhedada a localização de Luís. Mesmo que o plano não tenha sido arquitetado de forma tão premeditada como no cenário de Hatto e Adalberto, podemos notar que houve a clara intenção de enganar o soldado no exato momento em que Berengário percebeu que o homem sabia onde Luís estava escondido. Exatamente como havia prometido, Berengário não o matou, mas buscou outra forma de punir seu rival, dessa maneira nos apresentado uma ação factual, na qual a intenção de punir Luís foi alcançada.

A performance literária de Liudprando, em cada um dos casos como os aqui descritos, é considerada como um dado cultural, que nos demonstra diversas facetas de um passado plausível. Ao analisar a crônica, o historiador não se depara primariamente

---

<sup>82</sup> *Ibidem.* pág. 93-94. Tradução própria de “(...) “Up to what point do you intend to abuse our patience, O Louis? Can you deny that occasion in the past when, hemmed in by my guards and my diligence, you could not even move against me?41 And when I, inclining to pity, which was not owed you at all, let you go? Do you not feel, I say, that you are chained by your own perjury? You clearly confirmed to me that you would never re-enter Italy. I grant you your life, as I promised that soldier who revealed you to me; however, I not only order but demand your eyes to be gouged out.” Once these things were said, Louis was deprived of sight, and Berengar assumed the kingship.”

<sup>83</sup> *Ibidem.* p. 94.

com informações puramente factuais, mas encontra enunciados muitas vezes opacos ou ambíguos<sup>84</sup>.

Em vista disso, entende-se que a *Antapodosis* se apresenta como um material bastante promissor para um estudo da corrupção e da trapaça na Idade Média. Isso tendo em vista que a crônica nos mostra diversos agentes e cenários que proporcionam uma análise do tema em campos divergentes, tanto na busca pelo que o termo significa, como de que maneiras a trapaça foi utilizada como estratégia.

## CONCLUSÃO:

Sabemos que as crônicas medievais estão repletas de trapaceiros, figuras heróicas e pessoas capazes de ações surpreendentemente amorais, sendo comum encontrarmos uma série de maquinações e manipulações por parte de diferentes agentes, mas que não necessariamente significaram grandes alterações na esfera política.

Assim a *Antapodosis*, crônica vista como chave para entender as disputas políticas do período, já foi traduzida, questionada e analisada por várias gerações de autores e autoras em diferentes abordagens temáticas. É possível encontrar trabalhos focados no estudo da vingança, da ofensa<sup>85</sup> e até mesmo sobre o senso de humor do cronista<sup>86</sup>, entretanto, quando falamos sobre a trapaça, não há evidências de que o texto já tenha sido abordado desta maneira específica.

Apesar do universo bibliográfico aqui explorado não apresentar uma definição exata do termo, podemos dizer que a crônica nos apresenta dados bastantes consistentes para definir a trapaça. Assim, a partir do leque de casos vistos anteriormente na *Antapodosis*, juntamente com os argumentos aqui apresentados, podemos dizer que o termo trapaça pode ser descrito como “guarda-chuva”, ou seja, capaz de abarcar noções diferentes como mentira, engano e diversas estratégias, articuladas em conjunto para se alcançar um objetivo.

A partir da análise dos casos, podemos dizer que a dimensão oral surge como elemento fundamental na prática da trapaça, tornando a expressão verbal como elemental para distinguir esse fenômeno de outras ações. Nos relatos aqui analisados, é

---

<sup>84</sup> RUST, L. D. *O insulto como evidência da narrativa política: o espectro da corrupção em Antapodosis* (c.962). Revista de História, [S. l.], n. 181, 2022. p. 13.

<sup>85</sup> RUST, L. D. *op. cit.*, p.3.

<sup>86</sup> BALZARETTI, R. *Liutprand of Cremona's sense of humour*. In G. Halsall (Ed.), *Humour, History and Politics in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

crucial ressaltarmos a coincidência dos agentes se utilizarem de fatos ocultos para outros, se utilizaram de propostas minimamente verossímeis, habilmente conectadas à manipulação das palavras. Dessa maneira, há uma intrínseca relação entre o discurso empregado e as ações perpetradas, destacando que o trapaceiro busca habilmente o ponto de tensão entre a verdade e o engano. Assim, sem abdicar totalmente da verdade, o trapaceiro na trama da *Antapodosis* seria aquele que consegue moldar as narrativas feitas sobre a realidade conforme suas palavras.

Destarte, conclui-se que, na crônica, a trapaça é uma construção habilmente elaborada, na qual palavras se transformam em ferramentas de conspirações em tramas planejadas. O trapaceiro, de forma astuta, segura as rédeas da narrativa, revelando gradualmente os limites até onde tudo pode se estender, incluindo possíveis desdobramentos como morte, mutilação, até mesmo pontos considerados positivos, como aconteceu com os guardas de Leão que redobraram seus cuidados com relação à cidade.

Acredita-se aqui que, ao explorar a trapaça, Liudprando de Cremona tentou manchar ou exaltar a imagem de aristocratas, os colocando como ardilosos e ímpios, ou espertos e engenhosos. A partir disso, podemos dizer que a trapaça não possui um sentido necessariamente negativo na obra, mas se compõe como um elemento utilizado pelo cronista para trazer sentido ao universo político em que ele está inserido. Dessa forma ela é feita de maneira altamente descritiva na obra, na qual os leitores podiam de fato visualizar a realidade enganosa e pecaminosa da Itália, e como ela era prejudicial à religião cristã.

### **Referências Bibliográficas:**

BALZARETTI, R. *Liutprand of Cremona's sense of humour*. In G. Halsall (Ed.), *Humour, History and Politics in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BAYLESS, Martha and DAVIS, Jessica Milner. *Ethics: Comedy in the Middle Ages*. in the multivolume encyclopedia. *A Cultural History of Comedy: The Middle Ages, 1000-1400*. Eds. London, UK.: Bloomsbury Publishing, 2020.

BRASIL, L. L. *Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva*. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Goiânia, v. 15, n. 1, 2014.

BUC, Philippe. *The Dangers of Ritual: Between Early Medieval Texts and Social Scientific Theory*. Princeton: Princeton University Press. 2001.

COELHO, M. F. C. *Corrupção como Problema de Pesquisa*, 2023. No prelo.

DALMAU, P., KROEZE, Ronald, VITÓRIA, André and GELTNER, G., eds, *Anticorruption in History: From Antiquity to the Modern Era*. European History Quarterly, 2019.

GRABOWSKI, A. *The Construction of Ottonian Kingship: Narratives and Myth in Tenth-Century Germany*. Amsterdam University Press, 2018.

HALSALL, Guy and International Medieval Congress. *Humor, History and Politics in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Cambridge University Press 2002.

HOUGHTON, Robert. *Hugo, Lothar and Berengar: the balance of power in Italy 945–50*. Journal of Medieval History. 46, 2019.

KEMPSHALL, Mattew. *Rhetoric and the Writing of History, 400-1500*. Manchester: Manchester University Press, 2011.

LOPES, Bárbara Macagnan. *Os pecados em manuais de confissão da Península Ibérica entre o fim do século XIV e início do XVI*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)— Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

RUBIO, D. *The Ethics of Deception: Secrecy, Transparency and Deceit in the Origins of Modern Political Thought*. University of Oxford, 2016.

RUST, L. D. *A “corrupção” na escrita da História Medieval: os desafios de um efeito de sustentação discursiva*. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p.201-230, jan-abr. 2022, p. 203.

RUST, L. D. *O insulto como evidência da narrativa política: o espectro da corrupção em Antapodosis (c.962)*. *Revista de História*, [S. l.], n. 181, 2022. p.3.

SANTOS, Gabriela da Silva. *Sinais de Marózia: narrativa e relações de poder na obra Antapodosis (c.962), de Liudprando de Cremona*. 2021. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SQUATRITI, Paolo. *The Complete Works of Liudprand Of Cremona* (Medieval Texts in Translation). Catholic University of America Press, 2007.

TITTERTON, James William. *Trickery and Deception in Medieval Warfare, c. 1000 - c. 1330*. PhD thesis, University of Leeds, 2019.

TORSELLO, Davide; VENARD, Bertrand. *The Anthropology of Corruption*. *Journal of Management Inquiry*, Londres e Nova York, vol. 25, n. 1, 2015.

van PROOIJEN, WILLEM, Jan Willem and LANGE, Paul. *Cheating, corruption, and concealment: An introduction to dishonesty*. Cambridge University Press, 2016.

WATTS, John. *The problem of the personal. Tackling corruption in later medieval England, 1250-1550*. In: KROEZE, R.; VITÓRIA, A.; GELTNER, G. (Eds). *Anticorruption in History From Antiquity to the Modern Era*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2018.

WHETHAM, David. *Just Wars and Moral Victories: Surprise, deception and the normative framework of European war in the later Middle Ages*. Leiden, The Netherlands: Brill, 2009.